

# BREVE SÍNTESE DA

## moderna poesia portuguesa

Por JOÃO GUTERRES

Três são os movimentos poéticos que iremos abordar, procurando apreender-lhes o significado, correlacioná-los e fazer uma ligeira referência aos seus principais mentores.

Por ordem cronológica (e deixando para trás as Correntes Saudosistas), falaremos em primeiro lugar os intelectuais que se congregaram em volta do «Orpheu» em seguida daqueles que colaboravam na «Presença» e, por último, tentaremos interpretar e dar um cunho de unidade às dispersas Correntes actuais.

O Movimento Literário que, nos princípios deste século, culminou no «Orpheu» surgiu em paralelo com os escritos de tendências Nacionalistas e Saudosistas representados por Teixeira de Pascoais, Mário Beirão, Lopes Vieira e A. Sardinha. Pretendia a nova Revista apresentar uma arte despida de todas as convenções académicas, e, portanto, mais nua, sintética e original. As suas raízes filosóficas eram, em especial, o ocultismo e o nihilismo europeu, e isto, já depois de conhecidos os ataques cerrados de Nietzsche a essas mesmas teorias. O Transcendental que movia os novos poetas era, por conseguinte, o Nada. Para eles, a possível explicação de qualquer dos múltiplos aspectos da vida era ausente de si mesma.

Duas estrelas de primeira grandeza se revelaram no firmamento de «Orpheu»: F. Pessoa e Sá Carneiro. Este último, atinge o Nada depois de procurar em vão revelar-se a si mesmo, ao passo que Fernando Pessoa descobre-O não só num plano puramente introspectivo como também ao voltar-se para o mundo.

Mário de Sá Carneiro era um incompleto, um irrealizado, um «ser-quase» como ele dizia. Perfeito narrador das suas sensações psicológicas, foi um autêntico «metafísico do sentimento», citando José Régio.

Em Pessoa, o Nada é e não é mais completo do que em Sá Carneiro. É-O se atentarmos na afirmação também negativista do seu Universo-Exterior — tomado como simples espaço onde se movem todas as coisas, independentemente umas das outras e sem um mínimo de ligação entre elas. Mas não o é, reparando que o Nada, nele, sempre foi um conceito limite que tentou alcançar por meio de «formas cada vez mais depuradas da Ausência» o que pareceu levá-lo à «confissão de uma última e definitiva transcendência entendida agora como Presença Real», como muito bem acentuou Eduardo Lourenço.

Apesar de ter sido um poeta imanentemente destrutivo, pleno de embriaguez negativa prejudicial até a um bom clima mental das nossas letras, Pessoa foi tão

grande que se consumiu por inteiro na sua obra, fechando quase todos os caminhos por ele (e para ele) abertos, e deixando à sua volta um vácuo que só muito dificilmente as novas gerações têm conseguido preencher. Deve ter formado com Camões e Jorge de Lima (brasileiro) o trio dos maiores poetas da língua portuguesa.

Com o advento da «Presença» (ainda em vida de Pessoa), essa subtilização da temática metafísica usada pelos homens do «Orpheu» desaparece, praticamente, para dar lugar a uma invocação quase directa de Deus — o Deus simples que as religiões permitem entrever.

A «Presença» iniciou a sua publicação em 1927 sob a égide de José Régio e procurou elevar os seus colaboradores a uma verdadeira consciência literária com um psicologismo, subjectivismo e esteticismo próprios. Filosóficamente, acompanha as teorias existenciais modernas. Os grandes poetas que nela se revelaram foram principalmente três: Miguel Torga, José Régio e Adolfo Casais Monteiro.

Os dois primeiros, sentem antes de mais nada os seus problemas. Régio é essencialmente íntimo, pleno de revoltas psicológicas, muito teatral, místico, preocupado com a posição do homem perante os outros, mas sem grande projecção social e histórica, o que já não acontece

com Torga e Casais Monteiro). Estes, juntamente com José Gomes Ferreira apresentam um autêntico desespero social e histórico, muitas vezes irónico, mas que nem por isso é menos verdadeiro. Torga neste ponto é completo: o seu desespero é total: íntimo, religioso, político e social. Contraria Deus firmado no falhanço do Homem que ele incarna com todos os seus defeitos e virtudes e torna-se para tanto um apologista directo do naturalismo cru, paganizado, o que lhe dá grande força de expressão. Alguns dos seus livros (em especial, o «Outro Livro de Job») chegam a atingir o trágico — tal é a oposição irredutível e constante entre o Homem e Deus. Apesar de rude, o seu lirismo é enorme e resulta dum forte vivência interior dos problemas que o movem. A sua temática está em vias de não caminhar para uma solução, o que já não sucede com Régio que vai decisivamente ao encontro duma certeza perante si e Deus, facto este que, por si só, nos parece ser a causa do quase esgotamento da sua fonte poética. Eduardo Lourenço ao referir-se aos dois grandes poetas diz que em Régio «a sua poesia, mesmo quando duvida acredita. Torga não acredita, mas desejaria poder acreditar».

Casais Monteiro, perante o Além dissolve-se em abstracções e dúvidas. A sua poesia é essencialmente humana, racional, joga com a estupefacção do Homem posto frente a um mundo cheio de contradições.

(Cont. na pág. 10)

## Na terceira manhã...

Na terceira manhã após a batalha  
O campo era o campo de outrora

Os homens  
Num inexplicável tributo aos mortos  
Retiraram os cadáveres de amigos e inimigos  
As armas abandonadas  
Aplainaram as crateras convulsas

O vento  
O vento fresco e puro das manhãs  
Desvanecera a amálgama de explosões e gritos  
O odor nítido da carne putrefacta  
Erguera as hastes das flores pisadas

Porém, os homens e o vento não puderam evitar  
A pungente lamentação  
A prece  
O protesto  
Que se exalavam continuamente, persistentemente, desesperadamente  
da terra profanada.

Rui Martins



# Recorte

## POESIA MODERNA

(Continuação da pág. 12)

Vivendo paralelamente a estes movimentos e mantendo com eles contactos mais ou menos accidentais, dois grandes poetas há a destacar: Afonso Duarte e António Botto. O primeiro, é um escritor sereno (com alguns laivos de desespero irónico), neo-clássico e saudosista, poeta «do sentido que tem o perfil bem delineado das coisas» segundo Vitorino Nemésio. Em António Botto, surge-nos uma problemática motivada pela sua afectividade desequilibrada o que o leva a escrever poemas genial e desconcertantemente sinceros e de grande valor artístico. Mário de Saa definiu-o e muito bem como um «subtil espiritualista da matéria».

Voltando-nos agora para as moderníssimas gerações, dois pontos em comum elas têm, que nos parece lícito destacar:

a) Quas todas mostram interesse e inquietação pelo momento histórico, político e social do país.

b) Quase todas relegaram para segundo plano os problemas relacionados com Deus, abstendo-se mesmo de os tratar.

Entre os poetas que ultimamente se têm notabilizado é justo fazer uma referência especial a Jorge de Sena, indivíduo de grande consciência literária, de expressão hermética, racionalista, que entrevê o Amor como o cimento que há-de evitar o desmoronamento das mais altas esperanças humanas. Um pouco aparentado com Sena encontramos R. Cinatti que nos mostra ser um bom lírico (embora parecendo-nos despaisado em relação à nossa lírica tradicional), subjectivo e com uma «perene saudade de Deus» na opinião de Manuel Anselmo.

Girando no polo oposto a Sena e Cinatti está M. Cesariny de Vasconcelos, surrealista desesperado, ultrapassando todas as barreiras literárias, indivíduo que nada justifica e constrói, destruindo ao pôr em evidência os malefícios do mundo que lhe não agrada.

Entre estes dois campos, escrevem homens como C. Oliveira, Cochofel e A. O'Neill. Os dois primeiros possuem uma poesia complexa e cerebral; O'Neill está mais próximo de Cesariny — devido ao seu constante negativismo.

Para terminar, referir-nos-emos, embora ligeiramente, a alguns poetas novos e de valor. Vários deles, revelaram-se na fase final da «Presença». Entre outros, temos: Vitorino Nemésio; Manuel da Fonseca (levantando temas muito actuais); José Gomes Ferreira (já citado); Cabral do Nascimento; Branquinho da Fonseca (que também é um excelente contista); Saúl Dias, Alberto de Serpa, José Blanc de Portugal, António de Sousa, Sebastião da Gama, e, por último, Alberto Lacerda — que alia a uma técnica perfeita a sua extraordinária riqueza temática.

João M. Guterres

ANTES de afirmar que «Ninguém contestará, portanto, que o problema da alimentação do estudante universitário tem sido encarado pelas entidades responsáveis com desvelado carinho», o prof. dr. Braga da Cruz fixa em «cerca de 500 contos anuais» a quantia «que o Estado despense hoje» «com as cantinas privadas do ensino superior». Parece-nos, contudo, que esta importância não deve ser tão valorizada. Tomando em consideração somente as seis cantinas de Lisboa (no parecer mencionam-se ainda duas em Coimbra e três no Porto), e descontando os dois meses de Verão, apenas caberia a cada uma cerca de 8 contos mensais. Mas detenhamo-nos um pouco mais neste ponto para vermos o que se passa no Técnico, por exemplo. Começemos por dizer que, normalmente, a cantina dá um prejuízo anual à volta dos 30 contos. Em 1955-56 (as contas de 1956-57 ainda não estão completas) o «deficit» subiu a 45.955\$00 em virtude da adaptação de um fogão velho, mas é necessário informar-se que este ponto está em vias de ser resolvido devido à cooperação entre a Associação e a Direcção do Instituto. Quanto a subsídios, não há verbas explicitamente indicadas para a cantina. Também se desconhecem quaisquer subsídios indirectos por intermédio da M. P. É verdade que a referida Associação recebeu uma ajuda de 79.400\$00 assim discriminada: 40 contos para o pagamento de dois professores de educação física, dos quais, ao que nos informaram, apenas um aparece normalmente fora dos dias de pagamento. Restam 39.200\$00 mais 1.200\$00, estes vindos da Reitoria da Universidade Técnica, para todas as actividades da Associação. Mesmo que este subsídio fosse integralmente aplicado na cantina, mal chegaria para cobrir o «deficit». E estará este subsídio de acordo com o movimento da cantina que é de 2.103.000\$00? Só em 1955-56 foram servidas 59.144 refeições, das quais algumas centenas completamente gratuitas.

João Figueirinhas — DEBATE

PARA dar ao leitor uma rápida ideia do grau de desenvolvimento desta organização de universitários, bastará dizer-se que ela tem um movimento financeiro da ordem dos 12.000 contos e agrupa 1.200 associados. A comprovar o interesse dos alunos do Técnico pela sua Associação, bastará enunciar o aumento

do número de sócios, que passou de 950, em 1954, para 1.200, em 1957, enquanto que o desenvolvimento de actividades é evidenciado por um acréscimo de movimento financeiro da ordem dos 5.000 contos, nos últimos três anos.

Eis a formidável prova de capacidade de auto-governo dos universitários.

### Vida Universitária — REPÚBLICA

*Nota da Redacção* — Registámos com agrado o aparecimento no jornal «República» duma secção destinada à vida universitária, exemplo que gostaríamos de ver seguido pelos outros órgãos da imprensa nacional.

FOI com a maior tristeza que tomámos conhecimento da nova situação criada aos estudantes com as últimas disposições sobre o serviço militar. A partir do ano lectivo de 1959-1960, os que forem apurados para o Exército são tacitamente obrigados a alistarem-se no Curso de Preparação Militar após os 21 anos, a menos que interrompam o curso da Faculdade para cumprirem o serviço das fileiras.

Entre os vários inconvenientes desta medida, encontra-se o de o referido Curso de Preparação Militar tirar, durante três anos, aos estudantes que o frequentarem (a grande maioria, certamente) as metades de dois dias por semana e vinte dias no mês de Agosto.

Quer dizer: vai-lhes ser tirado, novamente, uma nova porção, e agora substancial, do seu reduzidíssimo tempo livre. Estamos já a ver, como primeiro e imediato efeito, o golpe, talvez mortal, na sua actividade associativa, académica e também religiosa, a qual constitui hoje, sem exagero algum, do melhor da sua preparação para a vida. Nessa altura, sem qualquer possibilidade prática de fuga, passarão a ter os seus horizontes balizados pelo estudo e pelo serviço militar.

Dizíamos há pouco que víamos isto com a maior tristeza. Acrescentamos, com a maior apreensão: Como será possível garantir a formação universitária? E a criação de hábitos de estudo e de trabalho intelectual?

### ENCONTRO

*Nota da Redacção* — Esta diminuição do período normal de férias de verão reveste-se de particular gravidade para os alunos do I. S. T. que são obrigados a cumprir estágios de 40 dias, fora do tempo de aulas, durante os 3 últimos anos do seu curso.